

Caride

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 11

JULHO DE 1961

**BREVE INFORMAÇÃO SÔBRE OS ÍNDIOS ASURINI
E PARAKANAN; RIO TOCANTINS, PARÁ**

EXPEDITO ARNAUD

Instituto de Antropologia
e Etnologia do Pará

A região do Estado do Pará, situada à margem esquerda do Rio Tocantins, entre os paralelos 3 Lat. N. e 5 Lat. S., que se estende das proximidades do rio Pucuruí, afluente do Tocantins, ao local denominado Joana Peres, quase confronte à cidade de Baião, é ainda, no presente, predominantemente ocupada por índios tribais. Sua penetração pela frente pioneira nacional, impulsionada para Oeste, em busca dos castanhais aí existentes, começou a tomar vulto em 1927. A Estrada de Ferro do Tocantins, iniciada em 1895, e, atualmente, com um percurso de 117 quilômetros, em direção ao Sul, entre Tucuruí (antiga Alcobça) e Jatobal, constituía a via principal dessa penetração. A partir daquele ano (1927) até recentemente, em 1953, êsse território foi marcado por luta armada entre índios e castanheiros. Expedições punitivas contra os acampamentos e aldeias indígenas agravaram a situação, revidando os índios com ataques não só aos coletores de castanha como aos trabalhadores da Estrada de Ferro, ameaçando assim a permanência dos esparsos núcleos de povoamento.

O ano de 1949 foi dos mais críticos. Lavradores abandonavam as roças e as turmas de conservação da Estrada de Ferro, sômente operavam, quando protegidas por guardas armados. Êsses fatos levaram, o Serviço de Proteção aos Índios, a intensificar suas atividades na região e desenvolver um plano de

atração e pacificação desses grupos indígenas hostís, e, ao mesmo tempo, evitar o seu extermínio pelas expedições punitivas. Foi um trabalho lento que, somente em 1953, veio a produzir resultados efetivos, com a aproximação pacífica de dois grupos tribais diferentes. O primeiro desses encontros foi realizado no sítio Apinagé, entre os igarapés Piranheira e Trucará, situado, aproximadamente, 12 quilômetros abaixo da cidade de Tucuruí; e o segundo, em um acampamento a 16 quilômetros da orla da Estrada de Ferro, à margem do igarapé Pucuruishinho, afluente do rio Pucuruí. As turmas de pacificação do S.P.I., identificaram esses índios como pertencentes às tribos Asuriní (1) e Parakanan (2).

Acêrca dos acontecimentos, a 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I., no relatório de ano de 1953, fêz as seguintes referências: "Trucará — Índios Hurinís. A aproximação dos índios verificou-se no dia 27 (Março), quando realizaram um ligeiro ataque ao barracão da Turma. Posteriormente, em data de 29, novo ataque registrou-se, sendo lançadas 57 flechas contra nosso pessoal e sobre a casa. Em data de 30, pela manhã, saíram os índios cujo verdadeiro nome é Hurinís, desarmados, tendo ido ao seu encontro o encarregado da Turma Hilmar Harry Kluck"... "Informaram os Hurinís que foram desalojados de sua aldeia por uma outra tribo, cujo nome dizem ser Utcaritan (3), sendo essa uma das razões porque se haviam estabelecido nas proximidades do lago Trucará"... "As despesas desta IR avultaram-se tremendamente pois nos vimos obrigados a socorrer os Hurinís

- (1) Asuriní—250 a 500—Tupí. Cabeceiras do rio Bacajá, afl. do médio Xingú. Um sub-grupo foi atraído em 1953, para o Pôsto Trocará, à margem da E. F. de Alcobaça, Estado do Pará. (Isolados). Ribeiro (1957:70). — Malcher (1958:21-26) classifica, distintamente, os índios atraídos em 1953, e do seguinte modo: Uriní—Entre as cabeceiras do rio Anauerá e o Tocantins, nas proximidades da serra do Trocará, margem esquerda do baixo Tocantins.
- (2) Parakanan—250 a 500. Entre o alto rio Jacundá e a margem esq. do rio Tocantins. Um sub-grupo foi atraído em 1953 para o Pôsto de Pacificação Pucuruí do S.P.I. prox. a E. F. de Alcobaça, Est. Pará (Isolados). Ribeiro (1957:88).
- (3) A expressão verdadeira é WARUAUITUNGA. Os Asuriní aplicam dita denominação aos Parakanan (N.A.)

inclusive de farinha alcançando a despesa semanal a cifra de 120 alqueires consumidos por esses índios, agora em frequência cada vez maior”. — “Pucuruí—3.º acampamento— Quando ainda nos rejubilavamos pela vitória alcançada no Trucará, eis que nos chegam notícias do primeiro encontro entre nossa Turma do 3.º Acampamento com os índios *PARACANANS*. Também neste contacto, como no do Trucará, ficou nosso pessoal despojado de tudo. Apesar de julgarmos serem os mesmos índios, daí veio nossa maior surpresa : *SÃO ÍNDIOS TOTALMENTE DIFERENTES*. Cortados os cabelos. Não usam qualquer espécie de deformação, tanto labial, lóbulo da orelha ou mesmo estojo peniano, além de serem altos ao inverso dos Hurinís”...

Dado o seu envolvimento pelos grupos Kayapó foram os Asuriní e Parakanan enquadrados na área cultural Tocantins-Xingu (Galvão-59:30). Sua cultura de que, somente agora, começamos a conhecer alguns aspectos, em maior detalhe, diverge em certos elementos básicos daqueles descritos para a área como uso de rédes de algodão, cerâmica e talvez no emprego de canoas para navegação. Igualmente a língua, uma forma de tupi-guaraní, contrasta com a distribuição maciça do Jê falado pelos Kayapó. Entretanto, dêsse contacto, resultaram na cultura Asuriní e Parakanan, empréstimos e inovações de origem Kayapó. Sobretudo em elementos acessórios como a indumentária, tipo e formas de ornato, uso de batoques, êsses empréstimos são mais aparentes. Possivelmente, também, na organização familiar e nas idéias religiosas terá havido difusão de elementos Kayapó. Assim, os Asuriní e os Parakanan podem ser melhor considerados como “intrusivos” na área cultural Tocantins-Xingu. De qualquer modo êles ainda constituem, no todo de sua cultura, grupos distintos da cultura Kayapó-Timbira representativa dessa área.

No sentido de melhor caracterizá-los, tendo em vista ser tão precária a informação etnológica existente, resolvemos dar publicidade a observações pessoais, embora ainda incompletas, colhidas no decorrer de viagens realizadas na região do Tocantins, a partir de 1949, quando, na qualidade de Inspetor do S.P.I. visitamos pela primeira vez a região.

OS ASURINÍ (4)

Segundo Coudreau (1897:32), os Asurini que, em 1896, habitavam as matas situadas entre o rio Xingú e o seu afluente Pacajá, já eram, também, conhecidos na mesma época, no Tocantins, como "índios veados". Neste rio se apresentavam muito pacíficos, embora naquele fossem hostis.

Tais informações, no entanto, são contestadas por Nimuendajú (1948:225), que, ao comentar Coudreau, assim se expressa: "Ninguém jamais ouviu referências a uma tribo com esse nome (Asurini) no Tocantins, nem o próprio Coudreau quando o explorava em 1897. Os índios erroneamente chamados Asurini, no baixo Tocantins, são Parakanan que, desde 1926, têm atacado os habitantes néo-brasileiros da margem esquerda"...

A despeito, porém, da omissão que cometeu em sua obra posterior (*Voyage au Tocantins-Araguaya: 1897*), quanto ao nome Asurini, não devemos ter como destituída de fundamento a afirmação anterior de Coudreau. Muitos anos após, em 1930, fase em que a zona da Estrada de Ferro do Tocantins, era constantemente incursionada por silvícolas, e, mais adiante, em 1931 e 1932, o Sr. Alípio Ituassu, então encarregado do Pôsto Indígena do Tocantins, falava frequentemente sobre grupos indígenas de características distintas, havendo, em seus relatórios, referências como estas: 1930—"No lugar denominado "Jcana Peres", que fica abaixo de Alcobaça, dois dias de viagem, a vapor e à margem do Tocantins, os castanheiros daquela zona que trabalhavam, nessa ocasião, na exploração de castanha, in-

- (4) Sinonímia: Asurini (do Yuruna, Asóneri — "vermelho") — Assurini-kin. Em Yuruna, Surini. Em Shipaya-Adyi, kaporuiri-ri (Adyi, "selvagem", mais kapor-ui-ri "vermelho", kaporuri "muito vermelho"). Em Curuaya, Nupanupag (nupánu, "índio", mais pag. "vermelho"). Em Arara, Nerima (?). Em Kayapó, Kubekamreg-ti (Kube, "índio", mais kamreg "vermelho", mais "ti" aumentativo). Nimuendajú (1948: 225).

Hurini ("h" aspirado), Surini e Urini, possíveis auto-denominações, segundo informantes que travaram os primeiros contactos com os bandos atraídos, em 1953, à margem do Tocantins (N.A.)

ternados para o centro da mata uns quatro ou cinco dias de viagem, foram atacados por índios guerreiros, que lhe causaram mortes e prejuízos nos seus haveres. Dizem os ditos castanheiros que os índios que os atacaram são os mesmos que aparecem hostilmente nas margens da Estrada de Ferro de Alcobaça. Eu, porém, sou de opinião contrária, isto é, que os índios que atacam os castanheiros no citado lugar "Joana Peres", não são os mesmos que combatem os moradores da Estrada do Tocantins... é sabido e ninguém nega que, na zona denominada Trucará, a qual fica entre os dois importantes centros (Alcobaça e Joana Peres), havia um grande aldeamento de índios "semi-civilizados", índios esses que viviam em contínua luta com os habitantes dos centros castanheiros de Joana Peres". —1931— "Ainda sôbre índios tenho a dizer-vos com toda a segurança que não só os índios que saem neste Pôsto, como os que atacam nas margens da Estrada de Alcobaça e ainda como os que atacam o Lago Grande, são de tribos diferentes pois constatei isto, confrontando as flechas deixadas por êles nos ataques que têm feito, sendo que os que saem no Pôsto possuem as suas flechas muito mais imperfeitas do que as dos outros". —1932— "...Índios guerreiros que atualmente fazem as suas excursões em caçadas, verdadeiras peregrinações por todo este interior... Temos os nossos "tapirís" à altura do Km. 22, na mata, justamente nos lugares que êles percorrem anualmente". "Índios em vias de pacificação. Tivemos por duas vezes a presença dos índios que nos costumam visitar anualmente... Vieram como sempre pacificamente... Sômente não se retrairam do saque".

Dois informantes com quem, recentemente, estivemos em contacto, vêm confirmar essas referências. Um dêles, antigo servidor do S.P.I., morador da zona da Estrada de Ferro desde 1926, nos disse que, sempre foram conhecidos pela denominação de Asuriní, os "índios guerreiros" que atacavam a mencionada região. O outro, habitante do Tocantins desde 1917, e que, aliás, tomou parte na expedição de represália, em 1930, realizada a mando do então Diretor da E. de Ferro do Tocantins, declarou o seguinte: — "Os índios chacinados naquela ocasião, usavam *cabeleira*, sendo diferentes dos Parakanan

que, antigamente, e agora, visitam o Pôsto do S.P.I., junto ao rio Pucuruí, e que já tive oportunidade de avistar inúmeras vêzes. ”

No que diz respeito as incursões dos Asurini, no rio Xingú, eis o que registrou Nimuendajú (1948:225):- 1) Em 1894 surgem pela primeira vêz atacando um néo-brasileiro, na Praia Grande, acima da bôca do Pacajá do Xingú. 2) Em 1896 realizam dois ataques na Serra do Passahy e Praia Grande. 3) Em 1917 cessam suas incursões contra a margem direita do Xingú, mas passam a desenvolver hostilidades contra populações civilizadas do Pacajá. 4) Em 1922, as populações civilizadas fornecem armas e munições aos Arara, para uma guerra, de extermínio contra os Asurini, porém, com sucesso duvidoso. 5) Em 1936 são atacados e desbaratados pelos Gorotire-Kaypó.

Quanto aos factos relacionados aos silvícolas conhecidos pela mesma denominação, no Tocantins, onde, a partir da década de 1920, passaram a ser chamados “índios guerreiros”, colhemos, em documentos do S.P.I. os seguintes dados: — 1) Em Maio de 1930 atacam no Km 40, matando duas pessoas, mas, logo em seguida, são surpreendidos e chacinados em um acampamento, pela expedição punitiva organizada pela Diretoria da Estrada de Ferro do Tocantins, mencionadã anteriormente, composta de trinta e tantos homens, e chefiada por Balbino Ribeiro. 2) No ano de 1933, logo em seguida ao ataque que sofreram por parte de uma diligência policial dirigida por João Regis dos Santos, matam, saqueam e depredam no Km. 22. 3) Em Dezembro de 1937 entram em contacto com o Sub-Pôsto Indígena do Caripé, instalado no Km. 11, porém, quando se encontravam acampados nas proximidades do mesmo, são atacados, a bala, por trabalhadores da Estrada de Ferro. Em represália, invadem, no mesmo mês, um barracão distante três quilômetros do Caripé, matando duas pessoas e ferindo uma terceira. Sobre o assunto, o Inspetor do S.P.I. no Pará, em trêcho da comunicação que dirgiu a Diretoria dêsse Serviço, assim se expressa: “O ferido declarou, no entanto, segundo consta, que os atacantes falavam português claro. Essa declaração a ser verdadeira trás embaraços para a identificação

atacantes, uma vez que índios da tribo ASURINÍ, não falam o português" ... 4) No início de 1941, fracassa uma expedição organizada pelo S.P.I. com o objetivo de pacificá-los. 5) Em 1948, conduzindo mulheres e crianças, tentam estabelecer relações amistosas com habitantes de um lugarejo situado próximo à cachoeira de Itaboca, porém, depois da "troca de brindes," foram atacados a tiros por garimpeiros porque se recusaram a entregar uma arara, um veado e uma queixada que conduziam. Subsequentemente voltam a atacar, desta vez, o próprio barracão do S.P.I., no Km. 67 (5), e mais adiante matam uma mulher cabocla.

Após a pacificação dos mencionados índios, em 1953, cessaram os conflitos, entre índios e néo-brasileiros, à margem esquerda do baixo Tocantins. Ainda permanecem porém, arredios vários bandos Asuriní, que mantêm relações esporádicas com os siviólolas atualmente assistidos pelo Posto Indígena do Trucará. São, possivelmente os responsáveis por algumas incursões nos rios Jacundá, Pacajá de Portel e Anapú, onde, é bem provável que sejam confundidos com os Parakanan.

Quanto a uma possível ligação entre os grupos Asuriní que ora tratamos e os aldeamentos do Xingú, nenhuma referência possuímos a respeito. Entretanto, conforme já frisou Moreira Neto (1959:61), parece que tais comunidades, de longa data, se encontram separadas. Aliás, os silvícolas atraídos em 1953 à margem do Tocantins, se distinguem pelo uso de grandes batques labiais, à semelhança dos Kayapós; e segundo informantes Xikrin (*kayapó*), que constantemente hostilizam os Asuriní, da bacia do Xingú, estes não exibem os mencionados adornos.

(6) Os Asuriní, atraídos em 1953, estavam divididos em dois grupos locais. Um deles, chefiado pelo índio Koatinêmo, pro-

(5) Dois índios Asuriní que, depois de pacificados, foram àquele local, confirmaram o ataque.

(6) Após se fixarem no Trucará, os Asuriní, não mais praticaram a deformação labial. Um índio pertencente a um bando arredio do Pacajá, recentemente chegado ao mencionado local, informou que tal prática não mais ocorre, também, em seu aldeamento (N.A.)

cedia das cabeceiras do rio que, os próprios silvícolas, denominam Pacajá (possivelmente o de Portel); e o outro chefiado pelo índio Sawé, vinha de malocas situadas na região chamada Cachoeira Grande, nas imediações da Serra do Trucará, não muito distante da margem esquerda do Tocantins. Atingia a 190 o total de indivíduos existentes naquela ocasião. Antes de findar o ano, porém, vitimados pela gripe e desintéria, já haviam perecido mais de 50 índios, conforme nos esclareceu o Sr. João Mendes Ferreira, na época, o encarregado do Pôsto do S.P.I.. A maior parte dos sobreviventes voltou a se internar na mata, e, certamente, se foi agregar a outros grupos do Pacajá. Os restantes se reuniram em um só bando sob a chefia de Koatinêmo.

Dois anos após, em 1955, as estatísticas apresentadas pelo mencionado estabelecimento davam como assistidos 66 índios (16 homens, 18 mulheres, 22 menores de 12 anos do sexo masculino e 10 do sexo feminino). Após a grande enchente que assolou o Tocantins, em 1956, Koatinêmo abandonou o Trucará. Os remanescentes que passaram quase dois anos dispersados, sofrendo privações, hoje se encontram novamente assistidos pelo S.P.I. Apenas um aglomerado de indivíduos, 26 ao todo (11 homens, 7 mulheres e 8 menores de 12 anos), sem chefia própria e trabalhando, em comum, com o pessoal do Pôsto. Dos índios, em idade adulta, chegados em 1953, só resta um sobrevivente, de nome Nakaawé, que, aliás, é o pajé do grupo.

São os Asuriní de reduzida estatura, em média 1,58 mts., sendo as mulheres um pouco mais baixas que os homens. Estes pintam o corpo de urucú, usam no lábio inferior, somente os adultos, o batoque de madeira (kajuipé), anteriormente citado, e fazem uso do estojo peniano — uma minúscula peça de palha (pináwa), de forma afunilada, igual à usada pelos Kayapó, com que prendem o prepúcio sobre a glande. As mulheres não usam qualquer proteção sexual. O uso de roupas, porém, já se vai constituindo a indumentária comum dos Asuriní do Pôsto, os quais, hoje, em presença de estranhos, não mais se apresentam despídos.

O corte do cabelo, em ambos os sexos, é feito horizontalmente, à altura das orelhas, atrás e nos lados, variado, à frente, entre o meio e o limite superior da testa.

Como adornos, apresentam : (a) ornato para cabeça (*arapexinga*), em forma de corôa radial, sem flexibilidade, feito com penas, de arara, papagaio, ararajuba e outras aves, embutidas em uma roda de palha; (b) bracelete (*mapikuaháwa*) confeccionado com tufo de penas presas em fios de algodão tingidos de urucu; (c) colar (*kaiúja*), de dentes de macaco, presos em torçal de algodão, de cor encarnada; (d) argola de palha (*pináwa*), usada para distender o lóbulo perfurado da orelha; e (e) pente (*kiwáwa*) de forma singela, com dentes de paxiúba, comprimidos entre duas talas transversais, roliças, separadas entre si por trançado de fios de algodão, ora encarnados, ora de cor marron. Os adornos de cabeça e braceletes são usados pelos homens, o colar pelas mulheres e as argolas por ambos os sexos.

Entre os instrumentos musicais destacam-se : a flauta de pan. um pífaro de taboca, de aproximadamente, 0,30m. de comprimento por 0,02 mts. de diâmetro, com três ou quatro orifícios no centro; uma buzina, de taboca, medindo, em média, 0,20 m. de comprimento por 0,08 mt. de diâmetro, de furo lateral, aberta apenas em uma das extremidades; e a grande buzina, também de taboca, contendo no interior sem tocar as paredes, uma vareta com cerca de 0,10 mt. presa em rodilha de envira, a qual atua como vibrador para produzir sons. Este que é o principal instrumento musical dos Asuriní, mede de 1 a 3 metros de comprimento. Tocam nessas grandes buzinas, diversas variações musicais, sendo, a cada uma delas aplicada uma denominação distinta. Entre outras conseguimos anotar a "música do fogo", a da "anta", a do "veado", do "papagaio" e do "macaco".

A rêde (*tupáwa*) é de trama bem espaçada, sem punhos ou contrafortes nas extremidades distais, onde são, simplesmente, reunidos os fios da urdidura. Empregam na sua confecção a envira, a fibra de tucum e o fio de algodão, ora entremeadas, ora somente uma dessas espécies; mais comumente a envira, talvez por ser material de fácil obtenção. As cordas de sus-

pensão são de envira ou tucum. A tipóia (*tapaja*), para condução de crianças, é também de trama espaçada, e feita com fics de algodão, tingidos de preto ou vermelho, com genipapo ou urucu.

A cerâmica Asurini é simples, de côr preta, sem decoração. O processo empregado na sua confecção é o do "rolete em espiral". Os potes são de forma globular, sem base acentuada, tendo o pescoço cnstrito e a borda extrovertida. O emprêgo é restrito a fins utilitários. Atualmente, no Trucará, não mais estão fabricando objetos de barro, em vista a fácil obtenção de utensílios de alumínio e ágata. Alguns exemplares que tivemos ocasiã de observar, há pouco, eram oriundos de uma aldeia do Pacajá.

Na cestaria empregam o trançado sobreposto (*plaited*). O cêsto ou paneiro (*arawáza*), para transporte de carga pesada, tem a forma globular, sendo reforçado lateralmente, com contrafcrtes de cipó. O trançado é aberto, cruzando-se as talas em diagonal e horizontal. Um cêsto de carregar, menor, ou jamaxi (*manakopía*), feito para guardar miudezas e para ser conduzido pelas mulheres nas viagens, é de forma trapezoide, sendo aberto em cima e frontalmente. Na parte trazeira e inferior, empregam um trançado fechado, vertical-horizontal, feito de talas de côr natural, amarela, com outras pintadas de marron ou preto, formando desenhos geométricos. Lateralmente, usam um trançado aberto, mais bem elaborado, sendo que, o intercruzamento de tiras verticais, horizontais, e em diagonal, deixa espaços abertos de contorno losangular.

Como armas, no Trucará, sòmente identificamos o arco e a flecha. O grande arco (*uirapára*), pela sua forma peculiar, um dos traços mais característicos da cultura Asurini, é feito de paxiúba ou de outra madeira semelhante, tem a secção plana (achatada), o cordame de fibra de tucum, sendo, algumas vezes, ornamentado com fics de algodão tingidos de genipapo ou urucu. A medida varia entre 1,95 a 2,00 mts. de comprimento por 0,06 e 0,07 de largura no centro. Um exemplar idêntico ao acima descrito foi encontrado, por volta de 1942, em terras do Xingu percorridas pelos Asurini. Fazia parte da antiga coleção etno-

gráfica da 2.^a Inspecção Regional do S.P.I. em Belém do Pará, posteriormente removida para o Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Confeccionam, também, es índios do Trucará, peças mais curtas, embora do mesmo formato, medindo, em média, 1,50 mts. de comprimento por 0,03 de largura no centro.

A flecha (*uíwa*) tem, em média, 1,75 mts. de comprimento, sendo a emplumação lateral, e presa por fics de algodão ou envira, medindo cerca de 0,20 mts. Usam lâmina de taboca ou ponteira de madeira, roliça. A lâmina atinge a 0,35 mts. de comprimento por 0,03 de largura, e a ponteira roliça, aproximadamente, a mesma dimensão. Logo que apareceram no Trucará, traziam, também, flechas de ponta de osso que, atualmente, não estão mais fabricando.

A casa Asuriní é simples, de forma retangular, com cobertura de palha, de duas águas, sem paredes laterais ou frontais. Na parte superior fazem jiraus para guardar utensílios. Uma expedição do S.P.I., realizada em fins de 1953, encontrou vários acampamentos Asuriní abandonados, sendo que, um deles, situado em uma grande clareira, possuía 13 malocas — 3 com capacidade para abrigar cerca de 15 pessoas, e as outras de 8 a 10, segundo calcularam os expedicionários. Costumam também, estes índios, mesmo na época das chuvas, se abrigar em tapiris, de confecção tesca, com cobertura de palha, de duas águas. Preferem, as vezes, na fase de estio, ficar simplesmente bivacados, protegidos pela vegetação, com as rédes atadas em árvores ou varais.

Quando foram atraídos, possuíam grande número de cães, e também, como xerimbabos, araras, ararajubas, papagaios, veados, caititús, coíias, etc.

Processam sua manutenção através da caça, pesca, coleta de castanha, babaçú, bacaba, inajá, frutos de natureza diversa tapurus, assim como da horticultura. Na caça e na pesca utilizam o arco e flechas. Pescam, também, pelo sistema da mucuóca (tapagem de igarapés), e com anzóis de aço que, segundo dizem, de há muito já conheciam, pois os obtinham quando assaltavam habitações de néo-brasileiros nas zonas do Tocantins e de Portel. Informam que, no Pacajá, pescavam com o timbó. Estes mes-

mos informantes dizem que, no mencionado rio, fabricavam canoas (7) de casca de árvores, provavelmente de jatobá.

Embora no Trucará tenham vivido os Asuriní, desde o início, na semi-dependência do Pôsto, sempre demonstraram, em suas pequenas lavouras de subsistência preferir as plantas tuberosas, principalmente a mandioca brava e, bem assim, a batata doce, o inhame e a macaxeira. Plantam também o milho, e dizem que, nos aldeamentos da Cachoeira Grande e do Pacajá, cultivavam, além das espécies mencionadas, a banana, a cana de açúcar, o urucú, o algodão e o tabaco. Algodão e urucú, cultivados, foram encontrados por expedicionários do S.P.I. junto a malocas Asuriní abandonadas, porém as demais variedades carecem de confirmação (tabaco, banana e cana de açúcar), embora que, logo nos primeiros contactos, em 1953, se apresentassem fumando o "Nicotiana tabacum", sob a forma de grandes cigarros, de mais de 0,50 mts. de comprimento, com envólucro de tauari.

A utilização da mandioca consiste, principalmente, na fabricação do bolo (*tipirá*), que é feito com massa puba, ou então pela mistura desta com a mandioca ralada. Uma vez espremidos com as mãos são os bolos deixados secar ao sol e, em seguida, guardados em cêstos para, posteriormente, serem desmanchados em mingaus e farinha, cuja torração, em pequenas quantidades, é feita em panelas de barro. Dizem os Asuriní que, em seus antigos aldeamentos, usavam tipitis e fornos de barro, porém, no Trucará, por iniciativa própria, sempre preferiram confeccionar o "*tipirá*", talvez por ser um processo mais simples e mais a seu gosto. Só mui raramente procuram produzir a farinha diretamente no fôrno, o que, aliás, fazem com pouca habilidade, resultando um produto grosseiro.

Constitui ocupação dos homens a caça, a pesca, os trabalhos preparativos de lavoura (breca, derruba, queima e coivara), a confecção dos cestos, arcos e flechas. Às mulheres compete fiar o algodão, fazer as cordas de envira e tucum, fabricar as rêdes e os objetos de cerâmica. Cabe a elas, outrossim, no de-

(7) Os Asuriní também constroem canoas —Nimuendajú— (1948:230)

cerrer das viagens conduzir os utensílios da família. No plantio e colheita dos roçados, empregam-se igualmente, elementos de ambos os sexos, porém, nas colheitas, as mulheres tem participação mais ativa. Os adornos são feitos, indistintamente, por homens e mulheres. Segundo informantes, a fabricação de jamaxis no Trucará, constitui atividade mista, sendo o trançado aberto usado na parte lateral dos mesmos, feito pelas mulheres.

Afirmam os informantes índios que os produtos das roças, os coletados e os oriundos das atividades de caça e pesca eram propriedade comum a todos os membros do bando. Hoje entre os índios assistidos pelo Pôsto do S.P.I. já sem hierarquia, atravessando um período de franca desintegração e mesmo caminhando para o extermínio completo, aquele processo não mais ocorre. Cada indivíduo tudo o que obtem utiliza em proveito próprio e, quando muito, de sua família. Por exemplo, se um Asuriní é determinado pelo Encarregado do Pôsto para caçar ou pescar, sem companhia, geralmente não se esforça para conseguir mais que o necessário para seu sustento imediato, regressando de mãos vazias.

No matrimônio a forma mais comumente observada, entre estes índios, é a monogâmica. Casos de poliginia, também, foram constatados por ocasião dos primeiros contactos, em 1953, restritos, no entanto, a homens investidos em cargos de chefia. Por exemplo, Koatinêmo que chefiava um dos bandos atraídos naquele ano, possuía duas espôsas, mesmo depois da epidemia anteriormente referida, que dizimou quase a metade da população indígena do Trucará. Algumas mulheres Asuriní do Pôsto, talvez por influência de valores apreendidos com os néo-brasileiros, afirmam não lhes favorecer a poliginia, racionalizando a atitude, dizendo que as mulheres brigam muito entre si.

Não identificamos entre os índios do Trucará, uniões de casamento entre parentes consaguíneos próximos. Elementos de ambos os sexos com quem estivemos em contacto, aliás, nos deram a impressão de repudiar a forma aludida. Abstemo-nos, porém, de estender considerações a respeito, pois, conforme referência que fizemos em outro período, o grupo de remanes-

centes está de tal forma desorganizado que o levantamento de genealogias e a observação direta é precária.

Praticam êstes índios a adoção de crianças, não só parentes como também casais sem filhos e mulheres solteiras. Conhecemos vários jovens Asuriní que, havendo perdido a mãe, foram criados por outras mulheres.

Um caso de infanticídio, embora não consumado, ocorrido no Trucará, temos a registrar : Uma recém-nascida foi atirada na cova em companhia da mãe que acabava de falecer, sendo então salva pela intervenção do Encarregado do Pôsto, Sr. João Mendes Ferreira, já citado anteriormente, o qual acabou por se tornar o pai adoptivo da criança. Embora o fato tenha se verificado em uma situação de crise, ou seja, por ocasião do surto gripal havido em fins de 1953, quando os índios que ainda podiam caminhar batiam em retirada e iam deixando os cadáveres insepultos ao longo das trilhas, o costume de enterrar o filho recém-nascido juntamente com a mãe falecida, provavelmente não é estranho aos Asuriní, considerando-se que tal prática ocorre em inúmeros outros grupos tribais.

Na prática da "couvade" permanece o homem recolhido à rede, entre 10 e 15 dias, abstendo-se de qualquer trabalho e somente ingerindo alimentos leves. A parturiente, também, lhe fica fazendo companhia, embora execute pequenos serviços caseiros. Durante a "couvade" a única caça permitida para alimentação é o jaboti.

O grupo Asuriní do Pôsto do S.P.I. possui um único pajé, o qual ainda desfruta de certo prestígio. Além de dirigir as danças é muito procurado para o exercício de suas funções de curador, pois, êstes índios, apesar de aceitarem sem constrangimento qualquer medicamento via oral, injetável ou de aplicação local, costumam completar o tratamento indo "tirar o bicho do corpo". O pajé inicia a prática fazendo fumigações com tabaco, dançando e cantando. Marca o ritmo com guizos de cascas e caroços de frutas atados aos tornozelos. Em seguida, debruça-se sobre o enfermo chupando com força e demoradamente o lugar onde os sintomas da doença se manifestam. Terminada esta parte coloca a mão na boca e, após várias tentativas, vomita

PORTUGUÊS	ASURINÍ	PORTUGUÊS	ASURINÍ
Em cimaIwaté	MãoPá
Em baixoIupé	PéPia
ApertadoUpitên	BraçoTiwá
Gente do matoKaapehára	PulsoPawá
HomemKumaé	PernaRetemú
MulherKujúa	JoelhoKanawá
CriançaKurumí	PeitoPutiá
MeninoAwaxefí	Seio (de mulher)Kôma
MeninaKujefí	CoraçãoIxowá ?
DonzelaImemiraanuhí	BarrigaHewenga
Mulher sem maridoKujuamukú	TripaRihé
Chefe (tuchau)Kumaeiwijehú	UnhaKuapé
Xamã (pajé) — quem tira o bichoUpurupitên ?	AnusKuá
Pessoa brancaKaráí	PênisHakója
Bonito (pessoa)Iaró	VulvaKuára
Bonita (")Puranga	TestículosPiá
Feio (")Iwaipáun	AsaUtiupipé
Feia (")Nairói	EicoTía
MentirosoItemún	PenaPepá
EspôsoIména	RaboWáza
EspôsaHatí	AveUirá
AvôMiamúí	AraraAraranuhú
AvóMiarí	PapagaioAxuruhú
TioTutíra	ArarajubaTarawé
TiaKujára	NambuNanbú
Pai (o filho chama)Miangá	PatoUirapiupéwa
Pai (a filha enama)Miató	MutumMutúa
Mãe (o filho chama)Mihé	JacuJakupêma
Mãe (a filha chama)Mihá	PreguiçaArekajú
Irmão (outro irmão chama)Sereíra	AntaTapiíra
Irmão (a irmã chama)Sekiíra	BoiTapiiruhú
Irmã (outra irmã chama)Sepkiíra	VeadoMixára
Irmã (o irmão chama)Serenêra	PacaKaroaruhú
Pele (Couro)Piréra	CotiaKotía
SangueUfa	TatuTatú
OssosKinha	CaetetuTiwaá
CarneMaeraá	QueixadaTajahú
GorduraKáwa	Porco (comum)Kuré
CabeloÁwa	MacacoKaíá
CabeçaAkin	GuaribaKikí
RostoRekuára	CachorroJawára
PescoçoRenianawa	OnçaJawaruhú
NarizTía	CobraMáxa
BocaXurú	JabotiJautiá
DenteRúza	TracajáJautiakapeúna
LábioRemé	GatoPixána
LínguaKíu	CarapanãXatió
QueixoRenuangô	PiolhoKíwa
OuvidoPikuára	BarataTuriperú
OlhoRehá	FormigaTatí
		PeixePirá
		ArraiaXarewíra
		Sapo (rã)Kururuwa

PORTUGUÊS	ASURINÍ	PORTUGUÊS	ASURINÍ
Tapuru	Wanguíra	Arco-iris	Iwangaháwa
Leite	Ikamía	Dia	Koême
Casca	Piréra	Noite	Ipitún
Ovo	Upiá	Rio	Paranún
Fruto	Iwá	Igarapé	Ikoapia
Flór	Putíra	Praia	Itúnga
Folha (mato)	Kaá	Montanha	Witíra
Palha	Pináwa	Lago	Ievênga
Roçado	Kupijáu	Fio (linha)	Iniman
Feijão	Kumanái	Panela de barro	Xaé
Arroz	Wiagáu	Panela de alumínio ou ágata	Paratúa
Milho	Awatí	Cesto (côfo)	Peíra
Algodão	Aminejó	Panheiro (cesto grande)	Arawáza
Urucu	Urukú	Jamaxí	Manakopia
Folha de tabaco	Petimupiéra	Pencira	Iropêma
Fumo (cigarro)	Petíma	Rêde	Tupáwa
Mandioca	Manianga	Tipoja	Tapája
Macaxeira	Manipixiú	Canôa	Ihára
Inhame	Kará	Remo	Iharapejutáwa
Castanha do Pará	Xuá	Machado	Cia
Côco de babaçu	Natá	Terçado	Kihé
Açaí	Xuxiarí	Faca	Kihéi
Bacaba	Pinuá	Anzol	Piná
Inajá	Inajá	Páu	Iwíra
Banana	Xatá	Cacete	Iwirakánga
Batata doce	Xetínga	Flecha	Uíwa
Tucumã	Tucúm	Arco	Uirapára
Timbó	Timá	Buzina	Kumiá ?
Jenipapo	Jenipáu	Pente	Kiwáwa
Bambu (taboca)	Takuajájuna	Batoque	Kajupé
Mel	Eíra	Adorno de cabeça	Arapexínga
Farinha	Uí	Colar	Kaiúja
Tapioca	Tipianga	Bracelete	Mapikuaháwa
Bolo de mandioca	Tipirá	Casa	Anga
Mingáu	Kawíxe	Branco	Ipitín
Piquiá	Pekeiá	Preto	Ipihún
Fogo	Tatá	Vermelho	Ipron
Água	Ia	Amarelo	Iiron
Pedra	Itá	Hum (1)	Uzepezú
Terra	Iwíra	Dois (2)	Mukúú
Vento	Iwitó	Três (3)	Nairúú
Fumaça (nuvem)	Tatatínha	Quatro (4)	Iranatoeté ?
Estrela	Xaitatá	Cozido	Ipipôna
Céu	Luanga	Assado	Ixipáun
Relâmpago	Tupô	Morto	Ezeki
Trovão	Unarôn	Vivo	Ekué
Lua	Xiahí (*)	Doente	Eruí
Sol	Koarahí	Copular	Ereménú
Chuva	Amina		

(*) Em algumas palavras da língua Asuriní, verifica-se que o "h" aspirado corresponde ao "c" do antigo tupí. Exemplo : Xiahí — Iací; Koarahí — Koarací; Kihé — Kicé.

PORTUGUÊS	ASURINÍ	PORTUGUÊS	ASURINÍ
DefecarIputí	DeitarEcenún
UrinarIkiá ?	ChorarExaá
DançarPurahái	RirEpuhá
FalarExcên	ComerEú
TrazerErún	LevantarEpuún
OuvirEnún	EnterrarEtíme
Ir emboraHaputá	CozinharEmuapin
DizerEmenú	AssarEhín
LevarErahá	MatarExuká
RemarEpejó	AgarrarEpihín
BanharExahún	CaçarEkamô
NadarEbebúi	VoarEweyé
PescarPiramupihí	DarEmanú
AndarEatá	BeberEwiú
BrincarEcemurái	Estar zangadoPirái

OS PARAKANAN

No que diz respeito aos índios conhecidos pela denominação de Parakanan (10), à margem esquerda do baixo Tocantins, a mór parte do que hoje sabemos vem das relações havidas entre êles e o Pôsto do Serviço de Proteção aos Índios, localizado junto ao rio Pucuruí, no Quilômetro 67 da Estrada de Ferro do Tocantins.

Os Parakanan começaram a ser notados, na aludida zona, depois de 1920 e, com mais frequência, no trecho situado entre os Kms. 60 e 70. Assustavam e pilhavam os habitantes da orla da Estrada, porém, nunca fizeram vítimas. Após a fundação do Pôsto de Pacificação, em 1927, passaram a frequentá-lo assiduamente, em caráter amistoso, até 1938, isto é, 8 anos após o massacre que tivemos ocasião de nos ocupar no capítulo relativo aos Asuriní. O Sr. Alípio Ituassu que na época era o encarregado do Pôsto do S.P.I., em um dos seus relatórios, ao mencionar uma visita dos Parakanan, ocorrida um mês após aquele massacre, ou seja, em 19 de Junho de 1930, assim se expressa: "Os índios "Paracanãs"(?), visitaram mais uma

(10) O nome Parakanan é aplicado pela primeira vez, em 1910, pelos Arara-Pariri, a uma tribo desconhecida que os compeliu a abandonar seu território, no rio Triuaná, afluente do Pacajá de Portel. Nimuendajú (1948:204).

vez êste Pôsto, quando lhe foi distribuído o que tínhamos para êles, terçados, machados, facas, rêdes, roupas feitas, farinha, bananas, milho e outros vários objetos, tudo em grande quantidade. Mas como eram muitos (cem calculadamente), dentre os quais muitas mulheres e crianças, nem todos foram brindados... não contentes, numa oportunidade que lhes foi favorável lançaram mão de objetos particulares dos trabalhadores do Pôsto... Apesar disto portaram-se muito bem, na maior harmonia, com os nossos homens com grande camaradagem, pois cantarolaram, dansaram e mostraram-se muito satisfeitos, durante as horas que estiveram conosco”.

Havendo se ausentado da zona do Pucuruí, no citado ano de 1938 (11), sem uma causa tornada aparente, os Parakanan surgem novamente após 14 anos de intervalo, em 1953, restabelecendo as antigas relações com o pessoal do S.P.I. já abordadas no início destas anotações. Êstes novos contactos que, a princípio, eram bem amiudados, se foram tornando espaçados após a evacuação no acampamento do Pôsto, que existia distante da linha férrea. Agora, quando muito, aparecem duas vezes, anualmente.

O modo de proceder dos Parakanan, com referência ao estabelecimento do S.P.I. tem sido uniforme, tanto no decorrer da primeira fase de relações como nesta segunda, embora, a partir de 1953, não se tenham feito acompanhar de mulheres e crianças. Surgem sempre em número elevado, empunhando arcos e flechas e fazendo grande alarido. Se apossam não só dos objetos que lhes são ofertados, como também de utensílios pertencentes a empregados do S.P.I. e a moradores das adjacências, os quais retribuem com jabotís e outros pequenos animais silvestres. Após algumas horas de permanência se retiram, inopinadamente, não costumando acampar nas proximidades do Pôsto. Nunca causaram dano físico a quem quer

(11) Embora não possamos precisar a causa de os Parakanan haverem se ausentado, tão longo tempo, da zona do Pucuruí, nos disseram alguns velhos informantes que, em 1938, um grande surto de sarampo atingiu toda a zona da Estrada, havendo os mencionados silvícolas estado em franca promiscuidade com pessoas atacadas da doença. (N.A.)

que seja a despeito de, em uma ocasião, haverem dirigido algumas flechas contra habitações de trabalhadores da Estrada de Ferro, em revide a disparos de armas de fogo, cujos estampidos, aliás, não lhes causaram pânico.

Não possuímos elementos para falar no que diz respeito à participação destes índios nos ataques que, outrora, se verificavam à margem esquerda do baixo Tocantins, embora já tenhamos evidenciado que, os mesmos, cessaram tão logo foram pacificados os índios Asurini hoje assistidos pelo Pôsto Indígena do Trucará. Notícias recentes oriundas dos Municípios de Portel e Araticu, situados à margem direita do rio Amazonas, entre 50 e 53.º de Lat., no entanto, fazem supor que ainda incursionam em terras confinadas entre os citados limites.

O local exato onde os Parakanan possuem suas malocas, até o momento é ignorado. Coudreau (1897:23), registrou informações de balateiros relativas à existência de uma tribo desconhecida, na região do Alto Pucuruí. Acontece que, viajantes mais recentes, nenhum vestígio têm encontrado a respeito. Presume-se, entretanto, estarem êles situados em pontos às proximidades dos rios Jacundá ou Pacajá de Portel.

A população desta tribo, segundo estimativa de Ribeiro (1957:70), deve variar entre 250 e 500 indivíduos. Em um relatório do Pôsto do Tocantins, de 1931, encontramos o seguinte registro: "Visita de 115 índios — 60 homens, 30 mulheres, 15 crianças em tipoiás e 15 meninos entre 10 e 15 anos". Nos dias que decorrem grupos de 40, 50, 60 e até aproximadamente 100 índios adultos, têm visitado o aludido Pôsto.

Os relatórios do S.P.I. e informantes dizem ser os Parakanan de compleição robusta havendo indivíduos com estatura superior a 1,75 mts. Vários dêles se destacam pela côr clara da pele.

Costumam aparecer com o cabelo cortado bem rente ou com a cabeça completamente rapada. Não fazem uso do estojo peniano e não furam os lóbulos das orelhas. No lábio inferior exibem uma diminuta cavilha de madeira.

Seus arcos são curtos, medindo, aproximadamente, 1,50 mts. de comprimento, tendo a forma plana-convexa (12), com a parte plana voltada para dentro. As flechas são também curtas, atingindo em média 1,20 mts. A emplumação é lateral, variando entre 0,20 e 0,22 mts. A lâmina é de taboca, medindo entre 0,45 e 0,50 mts. por 0,04 a 0,05. Tanto a emplumação como a lâmina são mais longas que as confeccionadas atualmente pelos Asuriní do Trucará.

Instrumentos cortantes de ferro (machados, terçados e facas), rêdes, tecidos, fios de algodão, tabaco, farinha e milho, são os artigos mais procurados pelos Parakanan.

Quanto a língua que falam, provavelmente filiada ao grupo Tupí, são muito raras as referências a respeito. Em antigos relatórios do Pôsto do Tocantins, de 1930, encontramos unicamente registrado o termo "miancá", e detalhes controversos como êstes: "desconhecemos a gíria que falam, compreendendo apenas algumas palavras da lingua geral". Da segunda fase de relações, iniciada em 1953, temos a mencionar a expressão "karapia-miangá" ou "karapia-minangá" (13), assim como denominações que aplicam de modo idêntico ao dos Asuriní do Trucará — *jawára*—cachorro, *tapiira*—anta, *ui*—farinha, *awati*—milho e *petima*—fumo.

(12) Êste detalhe, devemos em primeira mão ao sertanista Benamour Fontes, chefe da expedição, que, em 1953, restabeleceu as relações entre o S.P.I. e os Parakanan.

(13) Os Asuriní chamam Karáí ao branco, e Miangá ao pai. Os Parakanan através daquele termo talvez pretendam exprimir algo semelhante. (N.A.)

BIBLIOGRAFIA

COUDREAU, HENRI

1897 — Voyage au Xingu (30 Mai—6 Octobre 1896), Paris.

1897 — Voyage au Tocantins—Araguaya (31 Decembre—23 Mai 1897), Paris.

GALVÃO, EDUARDO

1960 — Áreas Culturais Indígenas do Brasil, 1900—1959. *Bol. Museu Goeldi, N.S., Antropologia*, n. 8—Belém.

MALCHER, J. M. da Gama

1958 — Tribus da Área Amazônica, SPVEA, Setor Coordenação e Divulgação—Belém.

METRAUX, A.

1950 — A Religião dos Tupinambás, Série 5A, Vol. 267 — Brasileira.

MOREIRA NETO, C. de A.

1959 — Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó. *Revista de Antropologia, Sep. Vol. VII*, ns. 1 e 2 — São Paulo.

NIMUENDAJÚ, CURT

1948 — Handbook of South American Indians, vol. 3, B.A.E., Bol. 143, Washington.

RIBEIRO, DARCY

1957 — Línguas e Culturas Indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*, Vol. 2, n. 6, Rio.